

**FERNANDA FACCI DA SILVA**

**FEMINISMO: A DESCONSTRUÇÃO DIÁRIA DO PATRIARCADO COMO FONTE DE  
IGUALDADE**

**Assis/SP**

**2017**

**FERNANDA FACCIO DA SILVA**

**FEMINISMO: A DESCONSTRUÇÃO DIÁRIA DO PATRIARCADO COMO FONTE DE IGUALDADE**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Direito do Instituto municipal de Ensino Superior de Assis - IMESA e a Fundação Educacional do Município de Assis - FEMA, como requisito parcial à obtenção do Certificado de Conclusão.

Orientanda: Fernanda Faccio da Silva  
Orientador: João Henrique dos Santos

**Assis/SP**

**2017**

## FICHA CATALOGRÁFICA

S586f SILVA, Fernanda Faccio da

Feminismo: desconstrução diária do patriarcado como fonte de igualdade /  
Fernanda Faccio da Silva. -- Assis, 2017.

31p.

Trabalho de conclusão do curso (Direito). – Fundação Educacional do Município  
de Assis-FEMA

Orientador: Ms. João Henrique dos Santos

1.Feminismo 2. Desigualdade de gênero 3. Empoderamento feminino

CDD 305.3

# FEMINISMO: A DESCONSTRUÇÃO DIÁRIA DO PATRIARCADO COMO FONTE DE IGUALDADE

FERNANDA FACCIO DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, como requisito do Curso de Graduação, avaliado pela seguinte comissão examinadora:

Orientador: \_\_\_\_\_

Prof. João Henrique dos Santos

Examinadora: \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> ...

Assis/SP

2017

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Lucilene Faccio e Carlos Ananias, por todo amor e incentivo que me deram, aos meus irmãos e meu sobrinho, aos amigos e familiares que me ajudaram na realização deste trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças e capacidade para não desistir dos meus objetivos e sonhos.

Aos meus familiares e amigos que me ajudaram durante esta jornada. Em especial à minha amiga Jéssica Leite, Juliana Felix, André Lopes e aos meus pais, que confiaram em mim, mais do que eu mesma, e sempre estiveram ao meu lado mesmo indiretamente. Pai e mãe, essa conquista é nossa.

Quero agradecer ao meu orientador Prof. João Henrique por toda ajuda, atenção e compreensão.

A todos os mestres e doutores do corpo docente do curso de Direito da FEMA, pelo aprendizado que me proporcionaram nesses anos de curso.

Diante de tudo, meu muito obrigada a todos que torceram pela minha conclusão neste projeto.

“Que pretendes, mulher?  
Independência, igualdade de condições...  
Empregos fora do lar?  
És superior àqueles que procuras imitar.  
Tens o dom divino de ser mãe.  
Em ti está presente a humanidade”.

Cora Coralina.

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo introduzir ao leitor aspectos sobre o que é o feminismo, suas causas e consequências. O presente está dividido em duas partes a fim de melhor compreensão. Na primeira parte falaremos das origens do movimento feminista, buscando trazer fatos históricos para compor o cenário que nos permite entender os dias atuais. Na segunda parte discutiremos sobre a evolução desse movimento, não colocando o feminismo como defensor da superioridade do sexo feminino e sim desconstruindo o machismo que afeta homens e mulheres como vítimas e reprodutores das desigualdades de gênero, deixando desse modo, homens e mulheres com direitos iguais. Concluiremos com dados de pesquisas da ONU Mulheres fixadas com Princípios de Empoderamento Feminino.

**Palavras-chave:** Feminismo; Desigualdade de gênero; Empoderamento feminino.



## **ABSTRACT**

"This article aims to introduce the reader to aspects of feminism, its causes and consequences. The present is divided into two parts for better understanding. In the first part, we will talk about the origins of the feminist movement, seeking to bring historical facts to compose the scenario that allows us to understand the present day. In the second part, we will discuss the evolution of this movement, not placing feminism as a defender of feminine superiority, but rather deconstructing machismo that affects men and women as victims and reproducers of gender inequalities, thus leaving men and women with equal rights. We will conclude with UN Women's research data set with the Women's Empowerment Principles".

**Keywords:** Feminism; Gender inequality; Women's Empowerment.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ADCT** – Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

**Art.** – Artigo

**CF** – Constituição Federal

**CNDM** - Conselho Nacional de Condição da Mulher

**DDM** – Delegacia de Defesa da Mulher

**FBPF** – Federação Brasileira pelo Progresso Feminino

**Nº** - Número

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**Op. Cit.** – Da obra citada

**UNAM** – Universidade Nacional Autônoma do México

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. DO FEMINISMO.....</b>	<b>12</b>
2.1. CONCEITO E DENOMINAÇÃO .....	12
2.2. EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO FEMINISMO NO BRASIL E NO MUNDO.....	12
<b>3. DO NOVO FEMINISMO .....</b>	<b>22</b>
3.1. EVIDÊNCIAS DO ATUAL FEMINISMO.....	22
3.2. ONU MULHERES.....	23
3.3. OS MALEFÍCIOS DO MACHISMO PARA A HUMANIDADE.....	24
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A presente tem o propósito de introduzir o leitor sobre o que é o feminismo, suas causas e consequências, além dos mitos e inverdades.

Inicialmente, apresentaremos as diferenças entre a palavra feminismo e machismo, de uma forma simplificada para uma melhor compreensão.

Após isto, estudaremos a evolução histórica do feminismo no Brasil e no mundo, apontando grandes movimentos, revoluções vistas pelos olhos de grandes pesquisadores da área. Fazendo um percurso sistemático pelas mudanças no mundo em relação a igualdade de gênero, buscamos assim explicações para o cenário nacional cotidiano, um dos pontos culminantes desta pesquisa, a qual visa contextualizar e conscientizar o leitor quanto os dias atuais.

Adiante, analisando o contexto dos movimentos feministas atuais, chamados de Novo Feminismo, os quais são dirigidos agora para o desfazimento dos estereótipos femininos e masculinos. E diante de tantas lutas e progressos, finalmente a criação da ONU mulheres, bem como se desenvolve como um órgão de importância mundial.

E válido salientar os tantos malefícios do machismo que afetam homens e mulheres, concluído com referências do documentário sobre o movimento 'ElesPorElas', além de uma visão geral de todos os dados e pesquisas apresentados.

## 2. DO FEMINISMO

Avaliaremos aqui desde as primeiras manifestações feministas até os ainda existentes tabus e desigualdades de gênero da sociedade moderna. Este capítulo tem como finalidade abordar conceitos, bem como a evolução histórica da luta em prol da igualdade entre os sexos.

### 2.1 CONCEITO E DENOMINAÇÃO

Prescreve o dicionário Aurélio o conceito de feminismo: “movimento favorável à equiparação dos direitos civis da mulher aos do homem”. No entanto o mesmo dicionário diz que machismo é: “atitude de quem não admite a igualdade de direitos para o homem e a mulher, sendo contrário ao feminismo”.

Podemos notar que, coloca-se a ideia do feminismo com essência de igualdade, por outro lado, mudando apenas o prefixo dessa palavra temos o machismo como uma ideia ditatorial. Buscaremos neste artigo a desconstrução do machismo como prejudicial somente às mulheres e colocaremos o feminismo como solução para ambos os gêneros.

### 2.2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO FEMINISMO NO BRASIL E NO MUNDO

Durante toda a história a subordinação das mulheres para com os homens é um fenômeno universal e muito arcaico, sendo essa subordinação uma das primeiras formas de opressão da história da humanidade.

E somente com o raiar de uma modernidade, que começam a surgir as inúmeras lutas das mulheres por liberdade, porém de uma forma mais ampla somente nas últimas décadas.

“É assim que vamos dando os primeiros passos também para o desenvolvimento de uma metodologia de análise, onde o pesquisador é, ao mesmo tempo, objeto e sujeito dos seus estudos” (Ana A.C.P., 1984, p. 9.)

Ana Alice quis dizer que as mulheres eram as mais interessadas no assunto da igualdade de gênero, por isso elas mesmas analisaram os casos e se tornaram sujeito dos seus próprios estudos, caso contrário nunca verificaríamos estudos e reivindicações tão aprofundadas por parte dos homens, esses tais não interessados tanto no assunto quanto as mulheres.

No entanto um dos primeiros movimentos feminista que não foi reprimido por completo ocorreu no fim do século XIX na Inglaterra.

As mulheres inglesas buscavam o direito ao voto, que seria o princípio para a entrada delas do poder, contudo tal direito ocorreu no reino Unido em 1918, após muitas manifestações feministas.

Antes dessas reivindicações ao voto na Inglaterra, onde toda essa manifestação se iniciou foi na França, após a Revolução Francesa em 1789, em razão do capitalismo, ideias essas trazidas pela revolução democrática burguesa. E foi após a Revolução que o feminismo como fonte de igualdade entre os sexos teve sua maior visualização, pois, na Revolução a noção de liberdade, igualdade e fraternidade era claramente limitada ao sexo masculino.

Com o capitalismo veio a modernidade e em consequência as fábricas e toda precisão de mão de obra.

“Mas a mulher não ficará afastada desse processo; ao contrário, ela se verá de repente, também, requisitada, em grandes proporções, para o trabalho na produção fabril. O avanço tecnológico que lastreia a Revolução Industrial abre

caminho para uma participação massiva das mulheres na força de trabalho".  
(Costa Pinheiro, 1984, p. 9.)

Não deixando de esquecer da condição de inferioridade das mulheres na época e mesmo assim na condição extremamente inferior as dos homens elas eram de suma importância para as fábricas e de total interesse da burguesia em relação ao acúmulo de riquezas, impondo-lhe salários menores, jornadas de trabalho longas e insalubres e pelo fato de serem oprimidas não tinham o direito de sindicância e qualquer outro direito trabalhista que viesse a regular a colocação delas no mercado de trabalho.

Em geral, na França, as mulheres mais humildes trabalhavam nas fábricas e as mais bem-sucedidas em áreas políticas e científicas. No entanto a igualdade de gênero lutava com a desigualdade social.

"Uma das primeiras manifestações feministas de que temos registro, se dá em 1789, quando, lideradas por Rose Lacombe, Loison Chabry e Theroig de Mericourt, as mulheres francesas, em uma grande concentração em Versalhes exigem que a Assembleia Constituinte estabeleça a igualdade de direitos entre os sexos, a liberdade de trabalho etc." (ALBISTUR, Maité, 1977, p. 322-334.)

Contudo nunca questionaram que, além do papel de mãe e de esposa as mulheres trabalhavam tanto quanto os homens, ou mais, acarretando assim a dupla jornada de trabalho, pois, além do serviço nas fábricas elas tinham que fazer todo o serviço doméstico e cuidar dos filhos quando chegavam e casa cansadas.

Após a publicação de "Manifesto Comunista" por Karl Marx e Frederick Engels, segundo eles o movimento feminista surge basicamente com a instalação das propriedades privadas, gerando assim todo problema de desigualdade das classes e dando início a todas as lutas em favor da igualdade entre as raças, sexo, idade e entre outras naturalmente desenvolvidas.

Marx e Engels foram muito mais a fundo na questão do feminismo, buscaram nas entranhas da sociedade quais seriam as reais origens de tal movimento que consideramos tão importante hoje em dia e que eles já demonstravam interesse e tinham total consciência da injustiça que os rodeavam.

“O burguês vê em sua esposa um mero instrumento de produção...” (Manifesto Comunista, 1848).

No entanto, após a morte de Karl Marx, Engels veio a publicar sua obra de maior relevância no assunto, ‘A origem da família, da propriedade privada e do Estado’ a qual é considerada uma das primeiras obras de seu tempo a tratar da pressão sofrida pelas mulheres de uma forma tão direta. É de extrema importância tratar de Marx e Engels, pois são de total relevância todas as suas obras para a humanidade.

Engels trata claramente sobre o estupro e os maus tratos sofridos pelas mulheres em decorrência do crescimento das famílias nucleares, tornando-as mera produtoras de crianças e escravas da casa e da luxúria de seus maridos. O autor diz também que além das famílias nucleares, o ideal de família monogâmica foi desfavorável para as mulheres conquistarem seus direitos, pois, o caráter de monogamia implantado apenas para a classe feminina e não para a masculina fez com que o machismo hoje seja considerado algo bom na visão geral, e a traição por parte dos homens, que de fato não acarretasse algo ruim e sim um elegante defeito.

“... O fato de que a mulher viva a sua “natureza feminina” isoladamente cria dificuldades para uma tomada de consciência de sua opressão, favorecendo com isso a alienação e o fatalismo, que a faz aceitar o princípio de que ser mãe “é padecer no paraíso”. (Luiza Maranhão, 1978. p. 73.)

No mesmo período surgem as pílulas anticoncepcionais, os movimentos de estudantes mulheres em toda França, livros que são referências até hoje para os movimentos feministas, quem buscavam uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres no âmbito público, na educação e no trabalho.

Vale lembrar que toda essa mudança estava ocorrendo na Europa e nos Estados Unidos, pois, o Brasil ainda vivia em um regime fortemente patriarcal. Sendo um país com grandes dimensões, a diferença na região nordeste para com a sudeste era gritante. No nordeste do Brasil as mulheres viviam em situações muito mais degradantes e precárias,



e seu papel principal era de reprodutora quanto no Sudeste algumas poderiam opinar dependendo do caso.

Contudo desde a constituição de 1891 vem em seu molde de que “todos são iguais perante a lei” (Art.72), porém, como naquela época a mulher era muito oprimida, os juristas faziam a interpretação que quisessem, dizendo por exemplo, que a Constituição presava pela igualdade dos direitos políticos, que eram também uma mentira, pois na época não só as mulheres eram tratadas de forma desigual, como também os homens não alfabetizados, excluindo, contudo, a maior parte da classe trabalhadora do país.

No Brasil, a primeira onda feminista foi em relação ao voto também, iniciando essa luta em 1910 com mulheres de classe média e estudiosas que depois de temporadas na Europa voltavam ao Brasil com ideias de igualdade de gênero.

Segundo June Hahner:

“O fermento da agitação republicana dos fins da década de 1880 não apenas fortaleceu o desejo feminista por direitos políticos como também deu às mulheres argumentos adicionais em favor do sufrágio e oportunidades de procurar o voto. A Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, ofereceu inicialmente a possibilidade de uma estrutura política mais fluida e aberta, com a extensão do voto, em teoria, a todos os homens alfabetizados, a questão do sufrágio pôde tornar-se um tópico mais vital para as feministas cultas que experimentavam um sentimento de frustração e privação política”. (June Hahner. op. cit. p. 80.)

Hahner acredita que a Proclamação da República foi o viés para as reivindicações feministas, pois, após este evento que as mudanças significativas começaram a ocorrer.

O Jornal Voz feminina em 1901, em Minas Gerais, que tinha como objetivo implantar o voto feminino deu origem a muitas outras rádios que abordavam esse tema. Surgiu o Partido Republicano Feminino em 1910, que organizaram passeatas de mulheres e partiam de campanhas aproximadas ao estilo violento.

Tal direito foi conquistado no Brasil em 1932 com a promulgação do novo Código Eleitoral brasileiro.

De acordo com Ana Alice Costa Pinheiro esse direito foi conquistado da seguinte forma.

“Em 1927, graças à atuação de Juvenal Lamartine, Governador do Estado do Rio Grande do Norte, a Federação Brasileira de Progresso Feminino consegue sua primeira vitória. Por intervenção do Governador, a Assembleia Legislativa deste estado, aprova uma resolução que concede às mulheres o direito de voto. No ano seguinte, é eleita para a Prefeitura Municipal de Lages, uma mulher, Alzira Soriano. Esta resolução foi rechaçada a nível federal pelo Senado Nacional.” (Ana Alice, (tese de mestrado) México: UNAM, 1981.)

E assim alguns partidos políticos começavam a defender as ideias feministas, com influência nas lutas da época e também porque agora as mulheres poderiam votar então, as campanhas políticas tinham também que ser voltada para elas.

Contudo, nem mesmo o partido político mais familiarizado com a ideia que era o PCB conseguiu ir a diante, ficando limitado com o tempo. Eles apoiavam todas as ideologias do movimento, e concordavam com a emancipação da mulher, mas, viam a mulher principalmente como dona de casa e mãe.

Acreditavam que a emancipação da mulher era importante, porém, no entanto o papel de mãe e de dona de casa era muito maior.

“É indispensável fazer, em cada organismo de Partido, um apurado estudo das condições em que vive a mulher, dos obstáculos que representam suas pesadíssimas tarefas domésticas para a possibilidade de qualquer atividade nas filas do nosso partido, de maneira a reduzir ao mínimo possível as exigências estatutárias para que a mulher possa ser militante comunista, possa progredir politicamente como ativista de nosso partido sem prejudicar suas tarefas domésticas.

Outro assunto a estudar é a vantagem ou não, da necessidade ou não, de permitir em nosso partido a existência de células femininas, isto é, exclusivamente de mulheres. Estas células tanto podem surgir através de organismos de massas femininos, como servir de ponto de partida como força motriz inicial para a organização feminina de massas. (Ana (Ana Alice Costa Pinheiro, documento de autoria do Comitê Central, “Acelerar a Organização de um poderoso Movimento feminino de Massas”, Op. Cit.)

O documento sugere se é mesmo necessário a presença das mulheres de fato, pois caso elas integrassem nas células do partido, teriam também as tarefas de casa e os afazeres de mãe para serem feitos.

No entanto, já era um avanço alguns homens considerarem os serviços domésticos como “tarefas pesadíssimas”, mas, no documento eles tentam esconder a necessidade de

mulheres no poder e desmerecem a capacidade do sexo feminino em assimilar carreira e família, pelo fato de saberem que com as mulheres trabalhando poucos seriam os homens que iriam se aventurar na vida doméstica ou tão somente dando uma ajuda.

Ficariam essas mulheres, líderes de células feministas do partido como péssimas mães e donas de casa? Não poderiam elas contratar ajudantes já que poderiam pagar por isso? E essas ajudantes, também não seriam donas de casa e mães? Trabalhar diminui o significado de amar e cuidar? São essas as perguntas que responderemos no decorrer desse trabalho.

Dando início a uma resposta, verificamos que a mulher que luta por seus direitos e consegue o que quer, é uma mulher que ama a si mesma e conseqüentemente ela amará seu próximo com uma intensidade muito maior, visto que se sentirá mais forte, confiante e livre. Vislumbrando que, se essa mulher está desiludida, não tem perspectiva de vida e não produz fora do âmbito doméstico, seu desempenho da vida é menor.

Com a famosa “Revolução de 30”, a entrada de Vargas no poder, a implantação do Ministério do Trabalho, o voto feminino, o salário mínimo e entre outras mudanças, as mulheres começam a sentir um leve gosto de conquistas, tais quais estariam só no início.

Em 1936 a primeira deputada, Bertha Lutz, assume seu honroso mandato na Câmara Federal. No entanto por volta da década de 1930 os movimentos feministas perderam forças e foram substituídos pelos movimentos de paz realizados no final da Segunda Guerra Mundial em 1945 derivando deles a Organização das nações unidas (ONU).

Os movimentos feministas voltaram a operar com estridente bravura somente em 1960. Com os Estados Unidos entrando fortemente nessa luta de uma forma indireta com o movimento hippie na Califórnia, com todos os dizeres de “paz e amor”, expandindo políticas de igualdade não somente de gênero, mas de todos os aspectos possíveis dela.

Fortemente influenciado pelo movimento hippie e negro esse novo feminista transbordado de paz, vem reivindicar mudanças muito mais profundas na sociedade. Eles não vieram somente combater as desigualdades sim tentar implantar um novo comportamento social que seja permanente.

O Novo Feminismo vem com o intuito de cortar laços com as velhas práticas machistas e implantar uma nova mentalidade de valores homogêneos entre homens e mulheres, propondo uma espécie de mudança histórica. Nada jamais visto nas lutas contra as

desigualdades ao redor do mundo, pois era uma espécie de modismo que aos poucos vinham em direção ao Brasil promover mudanças significativas.

As mulheres não sabiam muito bem o seu potencial, todas essas lutas eram em busca de descobri-los também, pois o feminismo era uma espécie de reeducação até mesmo para elas, pois, o intocado machismo esteve presente desde os primórdios e a única carreira que elas conheciam eram a de esposas, mães e donas de casa.

Não generalizando, obviamente muitas mulheres já sabiam as suas ideias e seus potenciais, mas, essas mulheres estavam em minoria.

“... O fato de que a mulher viva a sua “natureza feminina” isoladamente cria dificuldades para uma tomada de consciência de sua opressão, favorecendo com isso a alienação e o fatalismo, que a faz aceitar o princípio de que ser mãe “é padecer no paraíso”. Na medida em que existe uma socialização dessas experiências, nossos problemas ganham outra dimensão ao descobrirmos que são os mesmos vividos por todas nós. O descobrimento do social em nossa vida cotidiana e da importância de que este cotidiano seja visto politicamente é determinante como elemento de transformação”. (Luiza Maranhão, 1978. p. 73).

Luiza comenta sobre as relações sociais em que as mulheres eram programadas para ter, como o simples fato de serem mães influenciasses em tudo, tendo que ficar em casa, e assim por diante. No entanto, as relações sociais nada mais são do que construídas cotidianamente, não é um fato biologicamente determinado, mas sim historicamente determinado.

Toda a filosofia patriarcal que conhecemos ao longo dos anos nos fazia crer ser absolutamente natural a feminilidade das mulheres e aquelas que se desvirtuavam de alguma maneira eram vista como “sapatonas”, pois, queriam cargos de liderança, ou até mesmo eram liderastes por natureza e se impunham a homens com opiniões divergentes.

Como conclui Zuleika Alamber, todas essas lutas sociais ao longo da história brasileira concluem sim uma nova dinâmica no fim das contas,

E as lutas das mulheres continuavam e não somente pela classe média, mas também pela classe menos favorecida das mulheres no Brasil, sendo elas as mães de família que também trabalhavam nas indústrias.

“Se refletirdes um momento vereis quão dolorida é a situação da mulher nas fábricas, nas oficinas, constantemente, amesquinhas por seres repelentes” (PINTO, 2003, p. 35).

No entanto, com o golpe militar em 1964, todos os movimentos das lutas contra qualquer tipo de igualdade ou liberdade foram silenciados. A igreja católica e outros movimentos conservadores estavam apoiando o golpe e diziam lutar a favor da Pátria, de Deus e da família. Colocando a mulher novamente no seu papel doméstico, oprimido e pior ainda esquecido.

Porém, após os anos de recesso que a ditadura propôs obrigatoriamente as lutas contra as liberdades os movimentos voltaram com força total em 1975.

A Organização das Nações Unidas (ONU) teve sua primeira Conferência Internacional da Mulheres em 1975 (Considerado o ano internacional da mulher) no México, influenciando debates no Brasil também, pois as Nações Unidas têm representação fixa no Brasil desde 1947. Mesmo com a forte influência da ONU no país, esses assuntos chegaram com uma forte desaprovação entre homens e até entre algumas mulheres, que viam o feminismo com uma forma de desvio as lutas contra a ditadura.

“Ninguém melhor que o oprimido está habilitado a lutar contra a sua opressão. Somente nós mulheres organizadas autonomamente podemos estar na vanguarda dessa luta, levantando nossas reivindicações e problemas específicos. Nosso objetivo ao defender a organização independente das mulheres não é separar, dividir, diferenciar nossas lutas das lutas que conjuntamente homens e mulheres travam pela destruição de todas as relações de dominação da sociedade capitalista” (PINTO, 2003, p. 54).

Com o passar do tempo, tornou-se inevitável ao governo não trabalhar em conjunto com as feministas, pois os números de violência doméstica sofrida pelas mulheres eram exorbitantes, tanto que teve que ser criada uma polícia especializada no assunto, posto o número de mortes de mulheres por seus parceiros.

Em 1985, foi criada em São Paulo a primeira Delegacia de Defesa da Mulher (DDM) e foi um exemplo para todo o país e uma conquista para as mulheres.

Nessas delegacias, as mulheres que sofriam violências domésticas recebiam os cuidados devidos por profissionais especializados na causa, pois, antes elas eram discriminadas e os atendentes recebiam elas de uma forma descrente.

As DDMs buscaram assim atender essas mulheres de forma honrosa, suprimindo as necessidades sem ferir ou prejudicar. Aderindo a causa das mulheres como uma forma de conscientização social, colocando até a polícia para lutar em favor dessa causa.

“Nós estamos inaugurando a 131ª Delegacia de Defesa da Mulher no Brasil, em Suzano. Estamos também assinando um convênio com a Defensoria Pública do Estado para a defesa das mulheres imediatamente à comunicação, a defensoria para assistência judiciária gratuita para as mulheres e prestando homenagem às duas delegadas de polícia, delegada Rose e delegada Clementina, e à escrivã de polícia da época, a Sônia. As três policiais são da época da primeira DDM” (Geraldo Alckmin, cerimônia no Palácio dos Bandeirantes, 2015).

Fortemente em 1984, em apoio com o Conselho Nacional de Condição da Mulher (CNDM), houve em Brasília uma campanha nacional para incluir direito das mulheres na nova carta constitucional de 1988.

A Carta Magna de 1988 incorporou no Artigo 5º, I, diz que: “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”. E no artigo 226 Parágrafo 5º da Constituição brasileira estabelece que: “Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos pelo homem e pela mulher”.

Esses dois artigos foram um marco para a igualdade dos direitos entre homens e mulheres no Brasil, sendo a Constituição de 1988 aquela que mais trouxe garantias de igualdade às mulheres.

### 3. DO NOVO FEMINISMO

#### 3.1 EVIDÊNCIAS DO ATUAL FEMINISMO

Podemos afirmar, contudo que o feminismo foi o movimento mais bem-sucedido do século passado, escalou os obstáculos mais altos e hoje encontramos em muitas nações aquilo que era um ideal feminista, as mulheres podendo ser o que elas quiserem. Tudo está evoluindo, inúmeros países ainda vivem em um regime totalmente patriarcal, no entanto podemos observar mudanças significativas mesmo nesses países, como por exemplo as meninas frequentando escolas e atividades sócias com mais frequência

Os movimentos feministas estão transformando as mulheres em sujeitos de direito, tirando-as da segunda categoria da sociedade e tornando-as membros de extrema importância para o crescimento sócio econômico do país.

“Cristalizaram um momento da imagem que fizeram de nós – severas com os homens, coerentes, engajadas, resolvidas e duras – cristalizadas. E assim nos imortalizaram – e sufocaram. Sufocaram porque a nossa imagem de cristal mais uma vez se volta contra nós: foi criada para isto. Do mesmo modo que, nos anos 70, referiam-se às feministas como “sapatões”, ou “mal-amadas”, para afastar de nós as mulheres que pudessem se interessar em discutir as ideais e vivências, a nossa imagem de fortaleza endurecida, de armadura imutável e sem conflitos também assusta e afasta as mulheres, que nos vêm ora como justiceiras, ora como “fazedoras de cabeças.” (Rachel Moreno, 1988, p. 44).

Rachel Moreno identifica um novo estereótipo feminino, não sendo necessariamente esse tipo de estereótipo que as mulheres buscam, visto que a intenção é justamente a quebra de qualquer estereótipo ou molde imposto pela sociedade. Na verdade, elas buscam ser únicas, cada uma com sua personalidade e forma de agir, cada uma podendo formar o seu tipo de mulher ideal.

Não estamos em busca de mulheres masculinizadas ou qualquer outro tipo de mulher, estamos em busca de que todas sejam respeitadas das mesmas formas que os homens são, independentemente de como se vestem, se comportam, ou de quaisquer escolhas

que façam, nos ambientes laborais, em casa, nas festas e em todos os espaços. Sendo elas livres de violência sexual, psicológica e entre outras formas de opressão.

O Feminismo sempre esteve próximo ao humanismo, sempre lutou para que a dignidade e liberdade fossem universais de alguma forma e que as diferenças sejam esquecidas e que o fato de sermos todos humanos e dignos de um bem maior prevaleça.

Tal manifestação veio no intuito de ajudar ambos os gêneros, para que um colabore com o outro e cresçam juntos. Idealizamos sim, pois “ se não nós, quem? E se não agora, quando? (Frase tipicamente usada nos anúncios das campanhas *HeforShe*)

Contudo, se ainda existe um “novo feminismo” quer dizer que os problemas não acabaram. Esse novo movimento é inundado por ativistas de todo o mundo, altamente radicalizadas e cheias de propósito. Essas novas feministas ainda protestam contra os abusos em relação ao gênero, mas, também buscam ajudar na luta a favor do direito das minorias como das mulheres indígenas, negras, entre outros.

Elas partem para as manifestações brincando com os seus corpos, para gerar desconforto para quem vê. Esse tipo de marcha, mais conhecido como “Marcha das Vadias” causa muita repulsa da população, ainda mais para aqueles conservadores que acham um desrespeito mostrar os corpos para conseguirem que esses corpos recebam respeito.

Há inúmeras vertentes em relação a adotar o corpo como bandeira. Há as mais conservadoras e as liberais, no entanto a majoritária é a do “tanto faz”, pois, o fato é que com ou sem roupa, as mulheres estão conseguindo o seu lugar ao sol.

Levando em consideração o Brasil, temos a “Constituição cidadã”, que é a nossa vigente de 1988, tal carta magna teve esse título e todas as novidades trazidas em consequência ao feminismo, pois após o término da ditadura militar, os manifestos sociais tomaram conta do Brasil e com isso esses civis precisavam de uma nova lei mãe, que estabelecesse limites, mas que também os deixariam voar.

### 3.2 ONU MULHERES



A ONU Mulheres (UN Women) foi fundada em 2010 pela Assembleia Geral da Nações Unidas em Nova Iorque nos Estados Unidos conceituada como: “Uma Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres” (FONTE: [www.onumulheres.org.br](http://www.onumulheres.org.br)).

Tal entidade acredita que “O machismo não é o contrário do feminismo, o feminismo não define a superioridade das mulheres o objetivo é desconstruir o machismo que afeta homens e mulheres”.

### 3.3 OS MALEFÍCIOS DO MACHISMO PARA HUMANIDADE

Partindo do pressuposto que o machismo está na maneira como nossa sociedade foi estruturada há muitos e muitos anos atrás em uma sociedade patriarcal que deixava o homem com todo o poder e a mulher apenas com o poder doméstico (isto é: afazeres/trabalhos domésticos). Entendemos o fato que mesmo indo para o mercado de trabalho estaríamos com mais um problema.

“ A remuneração das mulheres são 30% a menos que as dos homens no Brasil. E a diferença entre uma mulher negra e um homem branco é ainda maior, ela recebe 60% a menos. Em casa, as mulheres ainda realizam o dobro ou mais que o dobro do trabalho doméstico realizado pelos homens. E no mundo, uma em cada três mulheres sofrem violência ao longo da vida. ” (FONTE: Documentário “Precisamos falar com os homens? ”).

Não estamos dizendo somente que mulheres ganham menos que os homens para ocupar os mesmos cargos ou funções, buscamos entender também que mulheres tendem a pedir menos aumento salarial, almejam menos uma mudança rápida de posição e quando analisamos as pesquisas são esses números que vemos, uma clara injustiça.

Quando as mulheres saem para trabalhar e saem para correr atrás de seus sonhos, a grande maioria dos homens não ficam em casa e com isso as mulheres brancas de classe média que conseguiram sair para trabalhar deixam suas casas e filhos a serem

cuidados por mulheres negras da periferia, ou brancas em condições econômicas inferiores as dela.

A ONU Mulheres não busca negar as diferenças e sim combater as desigualdades existentes até mesmo das mulheres para com outras mulheres. O machismo imposto nos primórdios da sociedade ajuda a impedir os homens a não participarem da vida doméstica.

Mesmo após anos de luta contra esse machismo imposto, verificamos que os meninos ainda são criados das mesmas formas, eles crescem tendo regras de comportamento social como por exemplo: não chorar, ser durão, não falar sobre suas fraquezas, não sendo obrigados a fazer quaisquer tipos de serviços domésticos, sendo sempre estimulados a se relacionarem com mulheres e com isso “os homens vão se matando” como diz Benedito Medrado, pesquisador e psicólogo.

Medrada ainda diz “A maior causa de adoecimento e morte dos homens é o próprio machismo. Levando-os a terem sempre descaso com a saúde”, e morrendo ou adoecendo de doenças que poderiam ter sido evitadas com tratamentos simples, “formas perigosas de introdução de bebidas alcoólicas, modo agressivo ao dirigir, gastando uma energia muito grande para manter atitudes ameaçadoras”.

Podemos levar em conta também o fato da maior população carcerária do mundo ser homem. Primeiramente as mulheres sempre foram oprimidas e educadas para serem mais humanitárias enquanto os homens tinham que ser fortes, agressivos, ter boas posições sociais e financeiras, podendo leva-los a grandes frustrações, limitações e medos.

Voltando a falar sobre costumes, não é de costume da nossa sociedade achar que cuidar da casa é tarefa de quem mora na casa, quem usufrui dela, não somente da mulher, pelo fato de ser mulher. Por conta disso o homem tende a não entender suas obrigações domésticas quando estão na vida adulta, muitas vezes se omitindo até de suas obrigações de paternidade. Para o Estado o fato da paternidade tem menos relevância do que o da maternidade.

Levando em conta o fato de ser pai, até mesmo para o Estado o fato da paternidade não em muita relevância.

“A licença-paternidade de 5 (cinco) dias foi concedida pela Constituição Federal/88 em seu artigo 7º, XIX e art. 10, § 1º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT e a empregada gestante tem direito a licença-maternidade de 120 dias, sem prejuízo do emprego e do salário”. (FONTE: [www.guiatrabalhista.com.br](http://www.guiatrabalhista.com.br))

É discrepante a distinção que a lei dá em relação ao pai e a mãe que acabaram de ter um bebê, não dando ao pai o devido tempo para cuidar de seu filho recém-nascido, ou até mesmo para ajudar a esposa em suas necessidades pelo fato de ter acabado de dar à luz uma criança. Trazendo prejuízo à mãe e também ao pai; de modo que, tais prejuízos advindos do machismo um dia se mostrarão aparentes pelo fato dos pais não conhecerem seus filhos direito, pelo temor que os filhos homens sentem dos pais ou até mesmo pela falta de carinho dos filhos para com esse pai progenitor da família ser distante de sua criação.

No entanto, entender que o machismo leva os homens a uma posição vantajosa e de privilégios é de extrema importância como por exemplo: “Poder caminhar com qualquer tipo de roupa de não se incomodar com assédio, não ter seu mau humor taxado como loucura, não ter sua sexualidade reprimida, não serem cobrados pelos trabalhos domésticos e muitos outros” (Documentário sobre o movimento HeForShe)

“Eu quero que os homens comecem essa luta para que suas filhas, irmãs e esposas possam se livrar do preconceito, mas também para que seus filhos tenham permissão para serem vulneráveis e humanos e, fazendo isso, sejam uma versão mais completa de si mesmos”. (Emma Watson, embaixadora global da Boa Vontade da ONU Mulheres)

No entanto, entender que o machismo leva os homens a uma posição vantajosa e de privilégios é de extrema importância como, por exemplo:

“Poder caminhar com qualquer tipo de roupa de não se incomodar com assédio, não ter seu mau humor taxado como loucura, não ter sua sexualidade reprimida, não serem cobrados pelos trabalhos domésticos e muitos outros” (Documentário sobre o movimento HeForShe).

Emma fixa a ideia dos malefícios do machismo para com os próprios homens, deixando-os que eles não descubram quem são de verdade mesmo que a lei iguale todos nós, a sociedade nos mantém desiguais.

Culturalmente falando, não seria simples mudanças tão drásticas como essas, mudanças de pensamento, tratamento, verbal, de atitude e todas essas que podemos introduzir no dia-a-dia e que a lei não nos abrigará a seguir. Tais quais como: tratar seu filho ou sua filha sem distinção, sem imposição de gostos pessoais, sem julgamento físico, sem oprimir o “eu” de cada criança ou adolescente, pois, as mudanças funcionam quando são introduzidas de forma natural na sua rotina.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das diversas situações que foram abordadas ao longo desta pesquisa, faremos as devidas considerações finais.

Primeiramente, podemos concluir que o lugar da mulher deveria ser onde ele quisesse, uma vez que ambos sexos possuem capacidades cognitivas equivalente, já cientificamente comprovadas. Além disso, considerando as pesquisas mostradas verificamos que a igualdade de gêneros deve ser buscada por todos, homens e mulheres, pois os homens são parte desse problema (sendo causa e consequência) e uma parte maior ainda para a solução deste. Juntos iremos chegar a um patamar muito mais elevado de civilização, como diz um velho dito popular “sozinho andamos mais rápido, mas juntos chegamos mais longe”.

Não é por acaso que as protagonistas dos movimentos feministas sejam as mulheres, pois, afinal de contas elas morrem todos os dias em decorrência do machismo, sendo ainda absurdamente mais frequente e alto o índice de violência contra elas (violências as quais não são só físicas, podem ser morais, verbais, patrimoniais...).

A ONU mulheres tem muitas instituições no Brasil, que trabalham com garotas de periferia, adolescentes que já são pais, entre outros. Tentando eliminar a questão da violência e colocando o cuidado no lugar, pois tudo é construído com tempo e vontade humana. A cabeça do homem deve ser trabalhada e esses grupos de apoio devem estar interligados com as medidas sócio educativas ou prisões necessárias, visando justiça e igualdade.

Temos que ter em mente principalmente as futuras gerações, objetivando sempre um mundo melhor e mais pacífico, onde homens e mulheres possam ter liberdade e igualdade plena para gozarem de seus direitos. Para isso é necessário que a luta seja de todos, dia após dia educando de forma a se disseminar o pleno entendimento do movimento feminista que não tem por intuito diminuir o homem ou engrandecer a mulher, mas sim igualar os gêneros, mostrando de fato que, homens e mulheres são iguais não só perante a lei, mas perante os costumes e a sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALBISTUR, Maité; ARMOGATHE, Daniel. **Histoire du Féminisme français Vol. I**, Paris; Editions Des Femmes, 1977.

BUTLER, J. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O Feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf/>> Acesso em: fevereiro de 2017.

**Dicionário informal**. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 02 de agosto de 2016.

**Discurso de Emma Watson para a Organização das Nações Unidas**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rq-jogDdKFU>> Acesso em: abril de 2017.

Documentário: **“Precisamos falar com os homens?”** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jyKxmACaS5Q&t=1502s>> Acesso em: abril de 2017.

Geraldo Alckmin, cerimônia no Palácio dos Bandeirantes, 2015. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/criacao-da-1-delegacia-de-defesa-da-mulher-do-pais-completa-30-anos/>. Acesso em: maio de 2017.

**Jusbrasil**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/>. Acesso em: 02 de agosto de 2016.

LAMBERT, Zuleika. A Mensageira: Uma contribuição feminista. In: **A Mensageira: Revista Literária Dedicada à Mulher Brasileira**. (ed.fac-similar). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. Secretaria Estadual da Cultura, 1987.

MARANHÃO, Luiza. **Feminismo: Uma Questão Política**. In: Revista Brasil Socialista. maio de 1978. p. 73.

MORANO, Rachel. **Ainda que argumentando que esse estereótipo vem sendo substituído**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988. p. 44

**O direito à licença paternidade.** Disponível em:  
<http://www.guiatrabalhista.com.br/tematicas/Licenc-pater-e-ferias.htm>>. Acesso em:  
fevereiro de 2017.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder.** REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA V. 18, Nº 36: 15-23 JUN. 2010.

PINTO, C. & MORITZ, M. L. 2010. **A tímida presença da mulher na política brasileira:** eleições municipais em Porto Alegre de 2003/2008. Revista Brasileira de Ciência Política, 2009.